

Editorial

Novos olhares na fotografia contemporânea

Sabemos que a fotografia passa por um momento de grandes mudanças, que nos últimos anos uma nova geração – chamada pela crítica de geração 00 – tem transformado radicalmente o meio fotográfico, expandindo suas potencialidades, suas formas de escrita e expressão. Em parte, essas mutações se devem à disseminação das tecnologias digitais que, desde os anos 2000, tem barateado os aparelhos, ampliando o acesso e permitido novas formas de produção, tratamento e circulação de imagens. É em razão da força e amplitude desse processo, aliás, que o fotógrafo e pesquisador Silas de Paula vai defender que hoje “somos todos fotógrafos”. Mas, como afirma Gilles Deleuze, as máquinas sozinhas não explicam nada, “é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas parte”. Dito de outro modo, é preciso investigar os usos, as apropriações e analisar os diversos fatores – a um só tempo técnicos, estéticos e políticos – que contribuem para a emergência e a consolidação dessas transformações.

Ora, o dossiê Novos olhares na fotografia contemporânea surge do desejo de se promover um debate amplo sobre a fotografia contemporânea, investigando algumas de suas principais questões e linhas de força, tentando compreender que novas formas de ver e de mostrar são essas que têm ganhado destaque na prática fotográfica atual. Vale ressaltar que essa coletânea é o resultado do colóquio homônimo organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC), e que ocorreu em agosto de 2016 no Centro Cultural do Banco do Nordeste (CCBNB), em Fortaleza. O evento durou dois dias e contou com a participação de cinco universidades nacionais, UFRJ, PUC-MG, UnB, FAAP, UFC e uma internacional, Universidade Sorbonne Nouvelle (Paris 3).

Abrindo o dossiê, Eduardo de Jesus traça um breve histórico da inserção da fotografia no domínio da arte, apontando para um novo modo de compreensão da indicialidade no momento em que a fotografia rompe com certas amarradas estéticas e conceituais, experimentando novas relações híbridas com o campo da arte e das imagens em movimento (cinema e vídeo). “A indicialidade no contexto pós-mídia” se debruça sobre as diversas formas de contaminação e atravessamento produzidos hoje no universo da arte contemporânea e o modo como esses fluxos redimensionam o estatuto da fotografia abrindo novas possibilidades de criação e colocando, ao mesmo tempo, novos desafios para olhar crítico.

Na sequência, “Da imagem-traço à imagem-ficção. O movimento das teorias da fotografia de 1980 aos nossos dias”, de Philippe Dubois, faz um balanço histórico-crítico do pensamento fotográfico, partindo das teorias ontológicas dos anos 1980 (inauguradas pela A Câmara Clara, de Barthes e seguido depois por A imagem precária, de Jean-Marie Schaeffer, O fotográfico, de Rosalind Krauss e o próprio O Ato Fotográfico, de Dubois) até chegar ao pensamento pragmático contemporâneo, mais ligado aos usos e apropriações das imagens e, sobretudo, aos conceitos de ficção, fabulação e à teoria dos “mundos possíveis”. Nas palavras de Dubois, “a foto menos como uma imagem-traço-do-que-foi que como uma imagem-ficção-de-um-mundo-possível, “a-referencial” e “plausível”.

Já Antônio Fatorelli, em suas “Notas sobre a fotografia analógica e digital”, refaz um certo percurso histórico da fotografia – dos tableaux vivants à iconografia pictorialista, do experimentalismo das vanguardas históricas à fotografia expandida e/ou contaminada da cena contemporânea – para destacar a natureza híbrida e cindida da imagem fotográfica, essa espécie de “dupla articulação da fotografia”, a todo tempo referida a uma condição do mundo (a uma presença, uma existência anterior) e ao seu próprio modo constitutivo. Uma natureza dupla, portanto, que apesar dos discursos em contrário, a fotografia digital parece complexificar e

não subverter.

人間“Nin-guém”, de Silas de Paula, aborda questões relativas ao Realismo Especulativo e procura demonstrar na prática, ao colocar-se em diálogo com os trabalhos de Nydia Negromonte, Marcello Casa Jr. e Iana Soares, como este que é considerado o primeiro movimento significativo na filosofia continental desde o estruturalismo, tem ganhado a simpatia de artistas e fotógrafos, transformando-se numas das principais linhas de força da produção visual contemporânea.

Susana Dobal e Osmar Gonçalves se dedicam a pensar as novas relações que a fotografia contemporânea entretém com a arquitetura, o espaço e a cultura urbanas. Analisando a obra de fotógrafos-artistas como Thomas Kellner, Corinne Vionnet e David Hockney, Susana nos mostra como a maleabilidade dos prédios deixa de ser um privilégio das novas tendências da arquitetura contemporânea para ressurgir na fotografia urbana, revelando que, assim como o tempo, o espaço também passa a ser visto e vivido hoje de modo mais flexível. “Quando sujeitos inconstantes fotografam espaços maleáveis” sugere que essa outra representação do espaço na fotografia estaria ligada a um abalo tanto da solidez arquitetônica quanto da situação do sujeito no mundo. Já em “Imagens insurgentes: notas sobre a fotografia urbana no Ceará”, Osmar aborda o interesse recente da fotografia cearense pelo espaço e pela cultura urbana e nos indaga: afinal, o que pode a fotografia diante das transformações abusivas por que passam hoje capitais como Fortaleza? De que modo ela pode lidar com essas transformações, apontando para novas paisagens e experiências possíveis? Como a fotografia pode intervir na cidade, reconfigurando os territórios sensíveis, inventando novas de viver e habitar juntos?

Também apresentamos na seção “Artigos” alguns outros trabalhos sobre fotografia, como “Quando o coletivo alcança a fotografia”, de Eduardo Queiroga; “O segundo clique da fotografia. Entre o registro e o compartilhamento”, de José Afonso da Silva Júnior; “Fotojornalismo: entre o oblíquo e o referencial”, de

Jaqueline Esther Schiavoni; e “Culto da imagem e imagem de culto – simetria e dissimetria entre a noção de aura e de punctum”, de Rodrigo Fontanari. Por sua vez, o filme documentário e a politização da imagem contemporânea são abordados respectivamente nos artigos “O risco do real e emancipação em Moscou: o filme-dispositivo como estratégia de questionamento de dispositivos sociais”, de Nilson Assunção Alvarenga e Thalita Gonçalves Rocha, e “O sentido háptico e a politização da imagem contemporânea”, de Tarcisio Torres Silva.

Por fim, Susana Dobal apresenta uma entrevista com Philippe Dubois na qual aborda sua trajetória acadêmica, o contexto de criação do livro *O Ato Fotográfico* e as redefinições teóricas que o pensamento fotográfico sofreu nos últimos anos em razão da emergência e consolidação do digital. “Imagem e tempo em movimento – entrevista com Philippe Dubois” é acompanhada ainda por um ensaio fotográfico que desenvolve uma narrativa paralela sobre os temas presentes na entrevista e sobre os mais recentes encontros de fotografia dos quais participaram Dubois e o grupo de pesquisadores que compõe esse dossiê.

Desejamos uma ótima leitura a todos,

Osmar Gonçalves
Rodolfo Rorato Londero